

Agricultura familiar, desenvolvimento rural e proteção dos recursos hídricos: o caso do distrito de Vila Seca - Caxias do Sul/ RS.

Área temática: Meio Ambiente e Sustentabilidade

Claudia Ribeiro¹

Lovois de Andrade Miguel²

RESUMO

O trabalho mostra resultados do estudo da evolução e diferenciação da agricultura no distrito de Vila Seca, no município de Caxias do Sul. A caracterização deste espaço agrário utiliza como referencial o conceito de sistema agrário, relacionando a paisagem da região – dos Campos Gerais do Planalto com as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais de cada época. Foram identificados quatro sistemas agrários: Sistema Agrário Indígena, Sistema Agrário Sesmeiro, Sistema Agrário Colonial e Sistema Agrário Contemporâneo. As atividades desenvolvidas atualmente mostram uma agricultura de cunho familiar, com cultivos policoloniais, somados à criação de gado de corte e leiteiro. Esta última característica, lastreada em sólida e longa tradição cultural, diferencia a localidade no contexto do município, somada à existência de mananciais de qualidade, com importância relevante e estratégica: dois barramentos abastecem a zona urbana da segunda maior cidade do Estado, trazendo à discussão os conflitos e possibilidades de conciliação das distintas atividades desenvolvidas na região.

Palavras-chave: Caxias do Sul, sistemas agrários, desenvolvimento rural.

1. INTRODUÇÃO

A área de estudo pode ser dividida em duas zonas bastante distintas: a região colonial, de relevo mais acidentado, onde predomina o cultivo de hortaliças, frutas, aves e cereais, e a região de campo, onde a atividade preponderante é a pecuária extensiva de corte e semiextensiva de leite. Já abrigando a barragem do Faxinal desde final dos anos 70 (SAMAE, 2012), agora Vila Seca recebe um novo barramento, no Arroio Marrecas. Ambos os reservatórios visam o abastecimento público de água para a zona urbana do município, sendo inegáveis os reflexos destes empreendimentos nas atividades preponderantemente rurais que lá são historicamente desenvolvidas. Em função desta nova situação, a Prefeitura de Caxias do Sul, através de atuação conjunta de sua Secretaria de Agricultura e do Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto (SAMAE), está desenvolvendo desde 2007 uma série de ações de preservação das áreas de produção de água nos distritos de Criúva e Vila Seca.

¹Engenheira química, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Av. João Pessoa, 31 – 90040.000 – Campus Central. Porto Alegre-RS, Brasil. 00049589@ufrgs.br

²Agrônomo, mestre e doutor em Agronomia, professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da UFRGS. lovois@ufrgs.br

A metodologia utilizada neste estudo está baseada em (MAZOYER & ROUDART, 1997/1998) e (MIGUEL, 2009), através da aplicação da abordagem sistêmica nas ciências agrárias. Esta corrente, no entanto, não é um consenso no estudo das ciências agrárias, conforme ressalvas, por exemplo, expressas por (ALMEIDA, 2003) e por (SCHLINDWEIN, 2004). Neste sentido, parece sem dúvida relevante reconhecer como limitação da metodologia a existência e a influência do observador desta análise.

Em primeiro lugar delimitou-se a área a ser estudada, através da caracterização de sua paisagem e definição de um zoneamento apropriado, para então partir-se para a reconstrução da evolução e diferenciação de seus sistemas agrários. Inicialmente foi feita pesquisa bibliográfica e estudo cartográfico, objetivando identificar os usos atuais do solo, principalmente com relação aos usos agrários. De maneira complementar, realizou-se trabalho de campo, buscando tanto enriquecer a percepção da paisagem, como principalmente contatar agricultores que pudessem, em curto espaço de tempo, agregar informações locais e relevantes à pesquisa do histórico dos sistemas agrários da região. O trabalho de campo foi efetuado em 13/06/2011, na bacia do Arroio Marrecas, no distrito de Vila Seca.³ O método utilizado foi de entrevista semiestruturada, segundo (MANZINI, 2004), elaborando-se previamente perguntas que fizeram parte do roteiro utilizado como apoio de memória para as três entrevistas, sem, no entanto, bloquear outras questões que apareceriam em função do desenrolar de cada entrevista. Os entrevistados foram esclarecidos inicial e informalmente a respeito do propósito do trabalho (a pesquisa da Evolução e Diferenciação dos Sistemas Agrários de Vila Seca), e a eles foram propostos os seguintes itens de pesquisa: (1) nome, idade e local de nascimento da pessoa entrevistada; (2) localização da propriedade e a relação deste local com o Entrevistado; (3) tamanho da propriedade e quais as culturas que são nela praticadas; (4) tamanho da família e quem trabalha a terra; (5) quais são as dificuldades do trabalho; (6) recordações do passado (pai e avô, ou antigos proprietários), com relação ao cultivo da terra e ao sustento da família; (7) motivos das mudanças ao longo do tempo; (8) expectativas para o futuro.

2. A PAISAGEM DE VILA SECA

Em função da motivação inicial do trabalho, o estudo foi realizado no distrito de Vila Seca, mas com um olhar especial para a área da microbacia do Arroio Marrecas. A

³ Os três agricultores nasceram em Vila Seca: o Entrevistado 1 em 1946, o Entrevistado 2 em 1952 e o Entrevistado 3 em 1957.

caracterização sucinta da paisagem de Vila Seca aqui empregada engloba dois aspectos, a partir da delimitação geográfica: a percepção do seu meio físico, através tanto de relatos gerais como de caracterizações compartimentadas e o delineamento de sua ocupação humana ao longo do tempo.

O distrito de Vila Seca tem como coordenadas de seu ponto central a longitude 50°57'41,53" W e a latitude 29°03'03"S, tendo como limites ao Sul os distritos caxienses de Caxias do Sul (centro) e Fazenda Souza, a Oeste o rio São Marcos (que define o limite de município de Caxias do Sul com São Marcos), ao Norte o distrito de Criúva e ao Leste o município de São Francisco de Paula. Sua área total é de 168,59 quilômetros quadrados⁴.

Com relação ao clima, considerando a classificação climática de Köppen, Caxias do Sul enquadra-se dentro de um clima do tipo Cfa (subtropical úmido) (MORENO, 1961).

A área de estudo encontra-se integralmente inserida na região hidrográfica do Guaíba, na bacia hidrográfica do rio Taquari-Antas. O arroio Marrecas, mencionado especialmente neste estudo, drena áreas dos municípios de Caxias do Sul e São Francisco de Paula, para o rio São Marcos, que por sua vez é um dos principais afluentes do rio Taquari-Antas.

A aproximação metodológica mais recente para o estudo geográfico da paisagem no Estado do Rio Grande do Sul, parte “do conceito de paisagem como materialização de processos sociais”, conforme (SUERTEGARAY & GUASSELLI, 2004), dividindo o Estado em cinco regiões, ficando o distrito de Vila Seca inteiramente compreendido na unidade de paisagem Planalto Basáltico. Também foi verificada uma correspondência com as unidades geomorfológicas propostas pelo projeto RADAM/BRASIL (IBGE, 1986): ao leste o território de Vila Seca abrange pequena parte da Serra Geral, com a maior da área ficando compreendida mesmo pelo Planalto dos Campos Gerais. A altitude da área de estudo varia entre 600 metros até quase 900 metros. Com relação aos solos, segundo a mesma referência, ocorrem na área predominantemente o Argissolo vermelho alumínico típico e o Cambissolo hístico alumínico típico, com pequenas áreas do Neossolo regolítico húmico léptico ou típico (na parte da Serra Geral). Em suma, o relevo é caracterizado por uma superfície ondulada, pedregosa e, segundo o que resume (FACCHIN, RECH, LIMA, & GIACOMELLI, 2007), de solos com baixas possibilidades de mecanização para as práticas agrícolas.

⁴ divisão política do IBGE, censo de 2010.

Observações primordiais da paisagem desta região ressaltam já a questão da existência de campos, mesclados com capões com significativa presença do “pinheiro serrano”, além da existência de excelente e abundante sistema hidrográfico (ALVES, 2010). Algum tempo mais tarde, o padre Balduino Rambo descreve similarmente o vale do rio das Antas, região da qual faz parte Vila Seca, enfatizando da pouca disponibilidade de terrenos férteis para a agricultura e enquadrando as paisagens da região no grupo das “grandiosamente belas”, por terem a grandiosidade, dita por ele como sendo “a do descanso”. (RAMBO, 1956, p. 356;430). O projeto RADAMBRASIL (IBGE, 1986) agrega informações valiosas para o entendimento da vegetação disposta no relevo da zona, nomeando o tipo de campo que ocorre na unidade geomorfológica Planalto dos Campos Gerais, região Planalto das Araucárias, como Savana Parque. O diagnóstico atual desta vegetação, modernamente nomeada de Campos Sulinos (MARCHIORI, 2004) relata que o total de remanescentes campestres e florestais no Planalto das Araucárias corresponde a 43,88% em estado natural ou seminatural, sendo os campos nativos exatamente os utilizados para uso pecuário extensivo, em grande parte no município de São Francisco de Paula e vizinhança, o que é o caso de Vila Seca (PILLAR & al, 2009, p. 298). Integralmente compreendida no bioma Mata Atlântica (IBGE, 2004), sua paisagem tem hoje descrição feita pelos técnicos da prefeitura de Caxias do Sul, que é coincidente às observações feitas no trabalho de campo:” Observa-se a formação de áreas alagadas e turfeiras. A paisagem é composta por mosaicos de campos entremeados por florestas.” (FACCHIN, RECH, LIMA, & GIACOMELLI, 2007).

O distrito de Vila Seca foi incorporado ao município de Caxias do Sul no ano de 1937 (P.M. de Caxias do Sul), oriundo de parte do município de São Francisco de Paula de Cima da Serra. Por sua vez, este município originou-se primeiramente de Santo Antônio da Patrulha em 24 de março de 1878⁵, que por seu turno tem seu ato legal registrado em 27 de abril de 1809, a partir de Viamão (POSSAMAI & RIZZON, 1987, p. 150). Em 1878 é dito que este povoado não tinha mais do que 30 casas. (TEIXEIRA, 2005). Em 1991, a população de Vila Seca era de 1456 pessoas; no ano de 2000, 1907 pessoas, para no censo de 2010 evoluir para 2113 pessoas (IBGE, 2010). Finalmente, uma incipiente caracterização socioeconômica contemporânea desta região ampara-se em estudo específico feito sobre as condições de vida da população rural nos municípios gaúchos, a partir de relacionamentos feitos entre um

⁵ O município foi incorporado por Taquara do Mundo Novo e Santa Cristina do Pinhal em 24 de março de 1889, novamente restabelecido em 24 de dezembro de 1889 mesmo e novamente agregado a Taquara do Mundo Novo em primeiro de setembro de 1892, para então ser definitivamente estabelecido em 23 de dezembro de 1902.

conjunto selecionado de 16 indicadores socioeconômicos e a respectiva estrutura agrária, segundo Censo Agropecuário de 1995/1996 e Contagem Populacional de 1996. A análise mostra cinco grupos homogêneos de municípios no Estado, e a região municipal de estudo (Caxias do Sul) é enquadrada pelos autores no Grupo C (pequenos, desenvolvidos e relativamente rurais) (SCHNEIDER & WAQUIL, 2004, p. 143).

3. ZONEAMENTO AMBIENTAL

O zoneamento busca a definição de um espaço geográfico coerente às necessidades e ao objetivo de quem observa, passando pela sua caracterização, segundo vários pontos de vista: geomorfológico, natural e antrópico. Uma ferramenta interessante nesta compreensão é o estudo do uso dos solos. Neste caso utiliza-se um levantamento expedito, feito por estudo cartográfico sobre a imagem de satélite (GOOGLE, 2008 e 2009). A principal utilização do solo nos dias de hoje são as formações campestres, que ocupam 47,1% da área; outra parcela de 13,3 % caracteriza-se por uma zona de transição, em que o campo vai tornando-se mais “sujo”, em direção à zona com maior predominância de formações arbóreas, que caracteriza 31,3% da área. As áreas de exploração exclusivamente agrícola totalizam 4,2% (sendo 1,5% de silvicultura), enquanto que edificações e solo exposto na área total são de 1,5%. Os remanescentes 1,1% dos quase 17.000 hectares de Vila Seca são tomados justamente pela hidrografia e suas respectivas áreas úmidas.

Além da característica diferenciada da vegetação atual, o que configura um zoneamento da região é basicamente o relevo. Esta diferenciação encontra eco também em subsídios recolhidos nas entrevistas, quando os agricultores fazem menção à divisão por eles utilizada corriqueira e historicamente, que se adota então para o estudo dos sistemas agrários: Zona de campo e Zona de Colônia. O relevo é mais dobrado na zona de colônia, como pode ser notado ao realizar-se perfil longitudinal na área de estudo.

4. EVOLUÇÃO E DIFERENCIAÇÃO DE SISTEMAS AGRÁRIOS

Podem-se identificar e delimitar quatro sistemas agrários em Vila Seca: Sistema Agrário Indígena (10000 AC até 1760), Sistema Agrário Sesmeiro (1760 a 1912), Sistema Agrário Colonial (1912 a 1970) e Sistema Agrário Contemporâneo (1970 ao presente).

4.1. Sistema Agrário Indígena

Os primeiros habitantes da região, indubitavelmente foram de etnia indígena, conforme demonstra o achado em 1966 de três casas subterrâneas em Vila Seca (ditas terem 1500 anos), em evidência anterior ao encontro com o colonizador europeu⁶ (GARDELIN & COSTA, 1993). No entanto, (SCHMITZ P. I., 2006, p. 18) afirma que os estudos feitos até agora permitem dizer que há indícios de ocupação anterior do planalto entre 10.000 e 6.000 anos A.C. Conforme Guilhermino César (apud (GARDELIN & COSTA, 1993, p. 18) este povo “... procede com toda a certeza do antigo grupo Jê, que na costa espírito-santense e na mata de Minas Gerais se chamou Botocudo, e aqui recebeu diversos nomes: Bugre, Coroados, Caingangue.” A cronologia desta ocupação é demarcada precisamente por (CORTELETTI, 2007, p. 19) como iniciando nos fins do século V, ininterruptamente sendo registrada até o século XIX, com data mais antiga em 1480 A.P., em Caxias do Sul (BEBER, 2004, p. 218).

Visando identificar a modalidade deste Sistema Agrário, interessa saber o modo de vida destes primeiros habitantes. Um dos primeiros relatos é o do tenente-coronel-engenheiro Pierre François Alphonse Booth Mabilde, prisioneiro dos índios coroados de 1836 a 1838, que afirma que os coroados nada plantariam (LAGUE & GRANT, 1983) apud (GARDELIN & COSTA, 1993, p. 35 e 36). No entanto, recente estudo acadêmico recomenda cautela em relação a partes deste relato, especificamente digno de nota com relação às práticas agrícolas (D'ANGELIS, 2006). Esta assertiva é confirmada pela evidência da atividade agrária deste período, demonstrada na descrição de localidade arqueológica nas cercanias da região, a dita Gruta do Matemático, aonde se evidenciam resquícios que demonstram a presença do milho como alimento (LAZAROTTO, 1971, p. 81) apud (BEBER, 2004). Finalmente Beber escrutina vários pontos de vista neste sentido, acabando por concluir que a ocupação indígena do planalto foi de tribos que tinham sua alimentação fortemente ancorada na coleta e utilização do pinhão, mas que teria sido provavelmente complementada por horticultura, realizada principalmente nas áreas de várzea dos rios.

O fato que altera significativamente a dinâmica deste sistema agrário é a introdução do gado no RS⁷, em época não posterior a 1640. A partir deste fato, as regiões de campos do

⁶ No ano de 1531, é organizada a primeira expedição no território gaúcho, naquela época denominado de Rio de São Pedro. O contato europeu é retomado somente por volta de 1610, com a fundação de reduções jesuíticas (NORONHA, 2006).

⁷ Existem várias teorias a este respeito: a ação dos jesuítas através do Padre Cristóvão de Mendonça é uma das mais citadas (DE BONI & COSTA, 1984).

Estado povoaram-se rapidamente, com tropas do gado bovino xucro (chimarrão) formando inicialmente na zona sul a Vacaria Del Mar. Subsequentemente, tentando achar um recanto mais protegido dos ataques dos espanhóis e portugueses, abre-se um caminho na parte de matas, criando a “Baqueria de los Piñares” nos Campos de Cima da Serra em 1709, com cerca de 100 mil cabeças de gado (DE BONI & COSTA, 1984), para logo este gado ir ocupando os municípios de Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Caxias, etc. (GARDELIN & COSTA, 1993). Principia então outra dinâmica de ocupação pela ação dos bandeirantes paulistas, em suas incursões na busca de mão-de-obra indígena para as atividades econômicas do centro do país⁸. Quando da ocupação definitiva pelos colonizadores europeus, pela distribuição de sesmarias na área (meados do século XVIII), os Campos de Cima da Serra eram dominados por indígenas, que ocupavam os Campos e pinheirais de São Francisco de Paula, Caxias do Sul e arredores (BECKER, 2006). Há, portanto, um período de transição (caracterizado pelas atividades dos remanescentes indígenas na região) de várias décadas, pois em 1845 e 1847 ainda registram-se oficialmente ataques de indígenas na região do distrito de Cima da Serra e aos colonos de Feliz (POSSAMAI & RIZZON, 1987). A extensão do domínio deste Sistema Agrário pode então ser delimitada como iniciando em 10.000 A.C., perdurando até o surgimento das Sesmarias em 1760.

4.2. Sistema Agrário Sesmeiro

A partir da introdução do gado no Estado e dos conflitos armados envolvendo tropas portuguesas e as reduções jesuíticas, nova etapa de ocupação inicia, por volta de 1750 (NORONHA, 2006). Por esta época iniciam os movimentos que formaram os vários caminhos dos tropeiros - uma das rotas mais importantes cruzava esta área, no então município de São Francisco de Paula. Estes caminhos originaram-se de movimentos de paulistas e lagunenses em direção a Colônia de Sacramento, objetivando abrir caminho entre as vacarias do sul e os centros consumidores de São Paulo e Minas Gerais. Em 1733 os primeiros lagunenses começaram a residir em solo gaúcho (DE BONI & COSTA, 1984). Muitos destes tropeiros eram portugueses, e receberam sesmarias no RS a partir de 1750, com a posse portuguesa definitiva do Estado pelo Tratado de Madrid (POSSAMAI & RIZZON, 1987).

⁸ Em 1635 e em 1727 há registros de incursões que cruzaram a região, respectivamente de Fernão Dias Pais Leme e de Cristóvão Pereira de Abreu.

Em meados do século XVIII identificam-se três grandes Sesmarias na Região Serrana, constituindo mais da metade do atual município de Caxias do Sul (além da totalidade de São Marcos), originando os seus hoje chamados distritos serranos: Criúva, Vila Seca, Fazenda Souza, Vila Oliva e Santa Lúcia do Piaí. Estas três Sesmarias, nomeadas Fazenda Palmeira dos Ilhéus, Fazenda Souza e Fazenda do Raposo, pertenciam originalmente à Freguesia de Santo Antônio da Patrulha, sendo posteriormente incorporadas a São Francisco de Paula. As pesquisas de (POSSAMAI & RIZZON, 1987) e (ALVES, 2010) identificam os primeiros proprietários, datas de ocupação e localização aproximada nas Cartas de Sesmarias originais: eram de origem açoriana, e dedicavam-se à agricultura e à pecuária. No documento da primeira ação de compra e venda da Sesmaria de Pouso Alto (antigo nome da Fazenda Souza), datado de 19 de abril de 1790, Ignácio de Souza Correa vende a terra (de uma e meia por meia légua⁹) para Ignácio Leite Ribeiro, dizendo que lá vivia já perto de 30 anos, ou seja, desde 1760 (POSSAMAI & RIZZON, 1987, p. 22). Esta área corresponde hoje ao distrito de Vila Seca, Fazenda Souza e parte de Vila Oliva (ALVES, 2010, p. 261).

Interessante é explorar um pouco o que descreve esta Carta de Sesmaria, pois ali se encontram várias informações a respeito do Sistema Agrário desta época. Ignácio de Souza Correa diz que vive de “plantas para minha casa e de criar algumas manadas de égoas [sic] com seus pastores”, além de referir-se aos vários córregos, ribeirão, faxinais que discorrem para o rio das Antas; fala de sua casa, de seus potros marcados ou para marcar e de todos os mantimentos “que tenho colhido, plantado e por colher”. Outra referência de pesquisa é o trabalho de (POSSAMAI & RIZZON, 1987), que faz um detalhado acompanhamento da evolução fundiária da Fazenda Palmeira dos Ilhéus, principal referência de Criúva e lindeira à Fazenda Souza, que se utiliza para pesquisar a evolução deste tópico tão fundamental para o entendimento da questão agrária nesta região, por assim dizer, bastante homogênea. Os vários documentos analisados por estes autores (autos de verificação, medição e legitimação das terras) aportam muitas informações que permitem delinear um quadro de como funcionava o Sistema Sesmeiro. Registram que os primeiros proprietários das sesmarias desta região eram de origem açoriana, e que se dedicavam à agricultura e à pecuária. Em todos os 56 autos analisados são mencionadas, além do gado, culturas efetivas, de milho, cana, feijão, abóboras e árvores frutíferas, além do registro das boas condições ambientais da região – abundância e excelência dos pastos e das águas. Também são evidenciadas várias outras

⁹ Considerada a légua como equivalente a seis quilômetros e meio: a Fazenda Souza teria área de 3.169 hectares.

situações dignas de nota, pela ordem: a questão de quem trabalhava a terra na época (posseiro, os escravos e mais trabalhadores); o fato da tentativa de ocupação da terra por um posseiro e, por fim, o registro da ação do Governo, já medindo terras para a instalação de lotes coloniais na região, ao final do ciclo. A questão dos escravos é transparente e indubitável: afirmam os autores que era indissociável a presença de mão-de-obra escrava no caso dos fazendeiros portugueses. Esta assertiva é comprovada por relatos orais e por fartas citações nos Autos de Medição e Legitimação e em documentos religiosos correspondentes à região, além de vários indícios históricos que sugerem a existência mesmo de Quilombos na área: exemplos são nomes de localidades - como Rincão dos Quilombos e citações da existência de Capitães-domato e de relatos de escravos fugidos, além de achados de várias leis de Posturas específicas à população escrava. Outro ponto é a presença de posseiros, os ditos nacionais, que eram considerados intrusos” eram peões de fazendas, capatazes, ex-escravos, aventureiros e mesmos agricultores açorianos vindos de São Paulo e Laguna [...] Com o advento da colonização, a maioria deles recebeu o seu lote” (POSSAMAI & RIZZON, 1987, p. 49;64 e 65).

Finalmente, os agricultores entrevistados em Vila Seca reforçam alguns dos relatos bibliográficos sobre esta época: o Entrevistado 1 conta que o seu avô por parte de mãe tinha 10-15 milhões de campo (1.000 a 1.500 hectares), e que tinha 500 cabeças de gado crioulo – mas que não vivia com isso, pois era difícil de vender; o Entrevistado 2 diz que o seu bisavô veio de Portugal, e que chegou a possuir área de 25 milhões de hectares na localidade (equivalente a 2.500 hectares). Já o Entrevistado 3 diz que a festa do Divino Espírito Santo, até hoje forte referência cultural em Vila Seca, é remanescente da época dos açorianos e tropeiros.

O processo de colonização (principalmente a italiana) é um marco importante para o declínio do ciclo correspondente ao Sistema Agrário Sesmeiro.¹⁰ Subsequentemente à ocupação das colônias primordiais (1887-1890), o Governo iniciou a divisão destas terras devolutas em linhas e lotes, para distribuição aos imigrantes em um novo núcleo colonial, pois já não se encontravam lotes disponíveis na Colônia de Caxias. Outro fato que colaborou para a progressão do povoamento e da ocupação local foi a movimentação de pessoas em

¹⁰ Análise resumida aponta três fatores para a vinda de imigrantes ao Rio Grande do Sul: povoar terras devolutas, aumentar a produção agrícola e buscar substituição para a mão-de-obra escrava (GIRON, 1977) apud (POSSAMAI & RIZZON, 1987). A colonização italiana no Rio Grande do Sul inicia em 1875, com novas áreas de ocupação exatamente na região serrana.

função de novas estradas que foram sendo abertas na região no final do século XIX, com o surgimento de pousadas e estabelecimentos comerciais para atender aos viajantes, tanto em Vila Seca, como em Criúva. Em 1908 e 1909 ainda registram-se assentamentos do governo na região de Criúva, de migrantes vindos de Caxias e Flores da Cunha (POSSAMAI et al, p. 411).

4.3. Sistema Agrário Colonial

O início do Sistema Agrário Colonial é demarcado fundamentalmente pelo surgimento do povoado de Vila Seca em 1912. É precioso o testemunho do agricultor dos dias de hoje, o Entrevistado 3: “no início eram 11 famílias, e meu avô dividiu a Vila Seca. Tinha 600 hectares, que comprou aos poucos, vendendo pinheiro para comprar terras. Vila Seca começou com duas famílias, Soares e Pasquali, e a iniciaram em cima do morro, longe da água, por isso o nome.” Este Sistema Agrário instaurou-se de maneira diferenciada do que nas ditas Colônias Velhas (as primeiras instaladas no Estado), pelos seguintes pontos: a característica distinta da paisagem - o misto de campo e floresta) e o processo histórico de ocupação e povoamento - mescla étnica bem diferenciada da situação das Colônias Italianas primordiais. Adicionalmente, o processo ocorre em um panorama histórico inicial conflituoso, pois, além de a população local sofrer os reflexos do conturbado cenário estadual ¹¹, os fazendeiros da região resistiram ao processo de colonização das terras devolutas, “pois cada colônia vendida representaria algumas vacas a menos nos campos dos fazendeiros”. (POSSAMAI & RIZZON, 1987, p. 113).

Não tendo sido encontrado um estudo particular para a região de Vila Seca, induz-se, pelas entrevistas e também por informações bibliográficas coletadas nas terras lindeiras, que o início do processo de concessão de novas colônias nas terras devolutas medidas pelo governo aconteceu simultaneamente à continuidade do processo de compra e venda estabelecido desde a época do Sistema Sesmeiro. O processo de ocupação da terra por esta colonização mais tardia é bem explorado por (POSSAMAI & RIZZON, 1987), descrevendo que os lotes melhores (os mais planos) foram ocupados mais tarde, exatamente pelo desenrolar deste processo litigioso: os primeiros a chegar realmente receberam os lotes piores, na beira dos rios, nas encostas e nos “peraus”. Sobre os lotes coloniais na região, sabe-se que eram retângulos

¹¹Refere-se aqui aos conflitos intensos que ocorreram na região por conta da Revolução Federalista (janeiro de 1893 a agosto de 1895) e da Revolução de 1923, redundando em paralisações das atividades econômicas e prejuízos às famílias de colonos que estavam ainda no início de suas atividades. É dito que a paz somente imperou na região com a chegada de Getúlio Vargas ao poder (POSSAMAI & RIZZON, 1987)

de 1.100 metros de comprimento por 275 metros de largura, de área maior que 30 hectares. Os colonos poderiam escolher o lote, mas isto era feito na prática à distância, pela documentação disponível; o lote era pago ao Governo, com dois anos de carência. Neste período derrubava-se parte do mato, para construir a casa e para plantar, e os colonos recebiam ferramentas, sementes e um auxílio inicial para a construção de sua moradia. Os imigrantes eram de várias etnias: registram-se na região principalmente italianos, e poloneses (estes em 1891), e até mesmo alemães, que vieram mesmo antes dos italianos.

Com relação a estes dois aspectos do Sistema Agrário (estrutura fundiária e etnia dos seus habitantes), encontram-se ricos subsídios nas entrevistas. O Entrevistado 1 nasceu na terra que vive hoje, originalmente de 180 hectares, comprada pelo seu pai, é filho de mãe brasileira. Seus bisavós paternos vieram da Alemanha (mesmo caso da vó materna do Entrevistado 2), e chegaram à zona da colônia (área do Faxinal), onde tinham área de 60 hectares, “só peraus”. A família do pai do Entrevistado 3, de origem italiana, chegou em 1935, vinda de Vila Jansen (Farroupilha), buscando melhorar de vida.

O sistema de cultivo predominante é o da derrubada e queimada da mata, com o rodízio de culturas em geral alternando plantações de trigo e milho, com cuidados na escolha do terreno ao se escolher que parte da floresta seria derrubada: “Os ‘posternos’ são os terrenos que recebem sol somente ao final do dia, enquanto que os ‘ensolarados’ já o recebem desde o amanhecer. Estes últimos são os preferidos para a maior parte das culturas, razão porque os ‘posternos’ foram reservados para a floresta, os potreiros” (DE BONI & COSTA, 1984, pp. 86;130-131). Coteja-se esta descrição com o selecionado na transcrição das entrevistas, de acordo com a época do Sistema Agrário em estudo. Rememora o Entrevistado 1: “Só havia campo e mato quando o pai e os tios chegaram aqui. Eles viveram da agricultura, faziam queimada e não voltavam na mesma área, e usavam aradinho de duas mulas; para tratar o gado trocavam serviços e as mulheres da região não iam para a roça, hoje também é assim”. O Entrevistado 2 diz que na época do pai, “havia gente, eram mais unidos”, e que na terra do pai há muita pedra. Já o Entrevistado 3 diz que até o “Apanhador o relevo é pior, muita pedra, bastante mato, poucas lavouras”, e que as pessoas cultivavam campo e colônia (serra, para os lados da Fazenda Souza) em separado: gado de um lado, roça, trigo e milho em outro. Sobre as técnicas de cultivo, relata que lavravam com boi e que tinham segadeira francesa e roda d’água, com moinho de pedra da França. Sobre como as atividades de subsistência, os relatos dos Entrevistados 1 e 2 adicionam ricos detalhes da policultura colonial da região: plantavam

mandioca, arroz do seco, milho, feijão; um deles diz que não tinham horta, mas que plantavam fava, couve, aipim, batata-doce, mogango, moranga e batata inglesa. Descascavam arroz, e faziam polvilho e farinha de milho e trigo (rara, o pão era feito semanalmente, de mistura, “duro”) nos pequenos moinhos do local (em Vila Seca tinha um só de milho, na Boca da Serra moía também trigo), tinham galinhas e ovos para o consumo e só compravam (na bodega do Balbinotti) café, açúcar e sal. A natureza provia-lhes pinhão e erva-mate, e também caçavam. A pecuária é uma atividade onipresente nos três relatos referentes a esta época. Os agricultores contam que o “primeiro gadinho era de 140 kg, de raça crioula” (Entrevistado 2), depois o pai teve gado zebu, normando e holandês (para gado e corte) e o tio gado holandês (que morria muito), para leite. “Como a geada matava o pasto, só tinham leite no verão - outubro a março, quando faziam diariamente o queijo serrano (de quatro a cinco kg) – o que o verão fazia, o inverno comia”, detalha o Entrevistado 1, adicionando que tinham 60 a 70 cabeças de gado, que matavam anualmente três a quatro vacas (para charque, e só nestas ocasiões tinha churrasco) e dois a três porcos, guardando sua carne com banha; também destaca a importância da comercialização (carne fresca e charque) que ocorria até 1970 em alguns pequenos açougues e no matadouro. Outras atividades produtivas são também importantes: a derrubada do mato é mencionada – principalmente para extração da araucária (entre outras espécies, permitida, segundo as entrevistas, até 1970), processada em serrarias, e também a produção e comercialização de carvão e lenha - um deles conta que trocou em 1962 oitocentos pinheiros por um Jeep de um ano de uso, e que a madeira de nó apodrecia no campo. O Entrevistado 3 diz que “o trigo era a moeda de troca, e a sobra era o que comprava coisas de fora, a gente da Mulada moía aqui, e sobrava farelo [...] havia na Vila Seca dois grandes atacados de secos e molhados, e um hotel, o Veraneio Ideal. “. Complementa dizendo que no período de 1960 a 1980 couro e lã eram vendidos, trocados por mercadorias para as fazendas; havia de tudo: tecidos, calçados, ternos e “roupas chiques”.

Nestes relatos transparece a dinâmica inicial do comércio do gado e também da existência de dois tipos de atividades, na zona do campo e na zona da colônia. Com relação ao comércio, há um aspecto muito interessante, e sem dúvida importante no desenvolvimento da dinâmica do Sistema Agrário Colonial, que são as relações comerciais desenvolvidas no início do século entre a região dita “da campanha do Nordeste do Rio Grande do Sul” e a zona de imigração italiana, e as rotas para isto utilizadas. Este comércio desenvolvia-se na direção de Porto Alegre - tropas de gado e cargueiros conduzindo couro, queijo, crinas e lã (a produção

local) para a dita Serra Baixa, em Santa Catarina (Três Forquilhas), trazendo em troca açúcar mascavo, fumo, cachaça, laranjas e utensílios. Ainda havia o comércio de muares com Sorocaba, mas já em troca de dinheiro, pois já não mais compensava trazer produtos de tão longe. Neste contexto principiaram as permutas com o núcleo de imigração italiano mais próximo, que representava um caminho muito mais curto do que o que levava à capital. Havia dois caminhos: a rota Caxias - Antônio Prado - Vacaria - Bom Jesus e outra, de maior importância, com o mesmo destino inicial e final, mas passando pelos campos de São Francisco de Paula, pelo dito “Caminho do Meio”, passando por Cazuza Ferreira, Vila Seca, Ana Rech e Caxias. Muitos viajantes finalizavam a rota em Ana Rech ou Vila Seca, nem chegando a ir a Caxias. Estima-se que 10.000 cargueiros faziam este percurso anualmente, e os autores estudados afirmam que este comércio foi importante para o acúmulo de capital exigido pela industrialização posterior de Caxias do Sul. Em período posterior (1940) também é digna de nota a construção da BR 116. Com isso, a principal via de integração regional deixou de ser a “Estrada dos Tropeiros” e passou a ser a BR 116, deixando o distrito fora das rotas comerciais anteriormente utilizadas, o que alterou totalmente sua estrutura econômica e social (DE BONI & COSTA, 1984).

Os mesmos autores discorrem com relação à questão da exploração de madeira da floresta de araucárias: serrarias foram montadas na região no início do século XX, e esta atividade foi economicamente importante até seu declínio, por volta de 1960, iniciando um processo de fuga do campo: com a carência de atividade no campo, muitos peões das fazendas foram trabalhar na indústria que então florescia. O projeto RADAMBRASIL também aborda o processo de desmatamento da dita Floresta Montana¹² nas pequenas propriedades coloniais, dizendo que o interesse comercial madeireiro suprimiu quase por completo a “*Araucaria angustifolia* (pinheiro), até mesmo nas áreas florestais remanescentes, raramente encontradas em meio aos cultivos agrícolas, que aí vigoram hoje em dia” (IBGE, 1986, pp. 587,588).

Finalmente, ressaltam-se os importantes capítulos da extensa história da indústria brasileira da moagem de trigo ocorridos em Caxias do Sul, alguns paralelos à história da cultura em si, como os esforços do imigrante italiano Aristides Germani para melhorar a tecnologia de seu moinho colonial.¹³ Ressaltada por dois dos três entrevistados, a questão do

¹² Subdivisões da Floresta Ombrófila Mista: Floresta Submontana até 400m; Floresta Montana de 400m até 1.000m e Floresta Alta-montana acima de 1.000m.

¹³ O trigo foi introduzido no Brasil pelos europeus na época do descobrimento, sendo que a cultura teve relativo êxito até o aparecimento da ferrugem. Essa praga apresentou seus primeiros sinais por volta de 1840-50, e

declínio paulatino do plantio do trigo na região, agregada ao capítulo final da história relativa aos moinhos coloniais, são outros pontos que merecem destaque: juntamente com a questão do declínio da atividade madeireira, parece ter delimitado o final do Sistema Agrário Colonial, por volta de 1970.

4.4. Sistema Agrário Contemporâneo

Este Sistema Agrário inicia na década de 70, em época de transição, com crise conformada pela desestruturação das atividades que eram as principais responsáveis pela estabilidade econômica da região, com conseqüente procura de novas alternativas produtivas. As entrevistas ilustram bem como os agricultores de Vila Seca percebem as mudanças e adaptam-se ao novo quadro. O primeiro aspecto é citado é a fragmentação da terra em propriedades menores, em função das divisões familiares: “Hoje as terras são em média de 50 hectares, mas tem 50, 60, 70, 100 e até 500 hectares.” (Entrevistado 2). “Com a diminuição da propriedade, muda a matriz produtiva. Os moinhos fecharam [...] O matadouro fechou em 1985, muitos faziam charque. O pinus apareceu de 1980 para cá.” (Entrevistado 3).

Outra evidência comum são as diversas tentativas de implantação de atividades alternativas, que os entrevistados ilustram de maneira variada, mas compondo um quadro coerente da região. Destaque para o relato da história de vida do Entrevistado 1, que é praticamente simultâneo ao Sistema Agrário Contemporâneo, já que este agricultor iniciou as suas atividades agrárias em 1968. Ele cita a seqüência de suas atividades comerciais: primeiro teve uma mercearia, após realizou o plantio de batata por um ano e milho por 2-3 anos, seguido pelo cultivo de maçã de 1982 a 1994, quando comprou um aviário e desistiu desta atividade, por ser muito exigente em insumos e estrutura de armazenamento (que ele não tinha), além da concorrência que começara aumentar. Também fez a feira do peixe vivo em Caxias, e plantou alho na sua terra.

O Entrevistado 2, de sua parte, evidencia uma situação-limite: não é mais o dono da terra que cultiva, arrenda 20 hectares para manter 30 cabeças de gado e 1 hectare de noz pecã; para conseguir manter a sua família trabalha em outras propriedades: ao longo deste tempo, plantou pasto e batata, produziu leite, e também criou peixes; em 2007 tentou, sem sucesso, o

prejudicou a cultura por volta de 1925, na chamada primeira fase da decadência. Após uma variada e extensa luta de interesses em torno da cultura e de sua cadeia de processamento, o Governo interfere oficialmente na política do cereal, fazendo com que, entre 1967 e 1990, o número de moinhos caísse de 420 para 178 (História do Trigo).

plântio de verduras ecológicas. Este conjunto de atividades é também abordado na caracterização socioeconômica presente no estudo fornecido pela Secretaria de Agricultura de Caxias do Sul (FACCHIN, RECH, LIMA, & GIACOMELLI, 2007), que, utilizando dados de 2007 da Inspeção Veterinária da Secretaria Estadual de Agricultura, afirma que 50% do rebanho de bovinos de corte e leite de Caxias do Sul situam-se em Vila Seca e Criúva. A criação de gado continua, pois ela é um elemento inserido culturalmente na história agrária da região; no entanto, configura-se como de baixa rentabilidade e insuficiente por si só. Tal estudo afirma estar havendo nas áreas de Vila Seca e Criúva uma expressiva mudança na “matriz produtiva cultural, em que a tradicional atividade de pecuária extensiva de corte e leite está sendo substituída por outras atividades extremamente agressivas sob o aspecto ambiental: como a suinocultura, avicultura, fruticultura, olericultura e monocultura de árvores”.

Neste sentido o testemunho do Entrevistado 3 é especialmente elucidativo, comentando também a questão do cultivo da zona de campo e colônia em separado, o que faz com que inclusive as pessoas sejam proprietárias de áreas não contíguas em uma zona e outra. Sobre as atividades, diz que tem aviário, ressaltando que já há 30 anos existem cerca de 100 aviários na localidade, de várias integradoras, e que estes “funcionam bem”. Também relata de seu pomar de maçã, e descreve que existem muitos outros pomares em Vila Seca, sendo as frutas hoje cultivadas cinco: maçã, cáqui, pera, pêsego e ameixa, mas que requerem investimento alto. Sobre a pecuária, diz que tem pastagem, e que há bastante criação com confinamento: do terneiro ao abate levam em média dois-três anos. As raças industriais são: Devon, Bradford e cruza com zebu; diz que o gado europeu tem mais qualidade de carcaça, e há muito “matrizeiro”. Há cria e recria e engorda, e resume que a atividade garante o sustento. Além dos bovinos, há o exemplo único de um haras de quarto de milha, e a criações de ovinos são bem poucas, mas tradicionais, fazendo também o abate de carne da fronteira. Também enfatiza as atividades de silvicultura (eucalipto e pinus), que começaram a partir da proibição do corte da araucária.

Neste panorama, várias restrições ambientais fazem agora parte do cotidiano dos agricultores, como a questão da legislação para o corte da vegetação, o cerceamento do manejo do campo nativo com queimadas e a pressão por um maior regramento do uso do solo em função dos barramentos para abastecimento de água potável de Caxias do Sul, com dois casos na localidade – a barragem do Faxinal, mais antiga e na zona colonial, e a barragem do

Arroio Marrecas, em construção na zona de transição colônia/campo. Com relação à questão do manejo dos campos nativos no Rio Grande do Sul, os ditos Campos Sulinos, é decididamente um ponto sobre o qual não existe ainda um consenso. Se por um lado é dito que “alternativas de manejo sem queima são mais produtivas e ecologicamente sustentáveis” (HERINGER & JACQUES, 2002), também há considerações no sentido de que a supressão do gado e do fogo levaria a um processo de redução dos campos, justamente pela expansão da floresta, pois os campos, como ecossistemas que não correspondem ao clima dos dias de hoje, dependem da intervenção humana para a sua manutenção (PILLAR & al, 2009, p. 40). Estes mesmos autores, abrindo discussão para várias linhas de atuação, dizem que “a supressão de gado e do fogo produz uma grande acumulação de biomassa inflamável aumentando, assim, o risco de queimadas catastróficas e incontroláveis, com consequências imprevisíveis para a biodiversidade”. Os Entrevistados também abordam estes aspectos, em depoimentos que espelham a incompreensão da realidade, com a busca de lógicas de atuação com relação à questão ambiental que são difíceis de encontrar na sequência dos acontecimentos na região. O Entrevistado 1 diz que faz parte do projeto de conservação da água, e que uma de suas filhas vendeu a sua parte da terra, desapropriada pelo SAMAE. Sobre a barragem, conta que há muita gente doente (com depressão) por causa disto, e acha que a FEPAM¹⁴ não avaliou direito, pois em época de seca o rio tem pouca água – “mal dá cano de 100”; finaliza observando: “os pinheiros, que antes ninguém podia cortar, vão ser todos alagados”. O Entrevistado 2 observa que o projeto da Prefeitura melhorou o manejo: “pois agora não pode mais queimar (como antes), e na terra do pai tem muita pedra, é o seu segundo inverno, e já tem 10 vacas por hectare”. Relata que há muitas chácaras de quatro hectares, e, com relação à barragem, diz que é melhor do que ter aterro ou presídio. Por fim, o Entrevistado 3 diz que as barragens são diferentes do tradicional, e permitem a abertura de outras atividades. Fala do Plano de Uso do Solo, em desenvolvimento pelo SAMAE. Ressalta que “o condomínio de chácaras é um perigo, a fração mínima é dois hectares, mas há associações informais para a compra de terras, resultando em muita gente em pouco espaço”. Enfatiza que o SAMAE tem poder de polícia em toda a Vila, e que o novo aeroporto vai fazer a estrada passar por aqui.

Como mostram os relatos, o processo de desapropriação de terras para a barragem em construção do Arroio Marrecas foi impactante para os agricultores, e está ainda longe de ser entendido e acomodado em uma nova realidade na vida dos atores do Sistema Agrário

¹⁴ FEPAM – Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luis Roessler - RS

Contemporâneo. Há, no entanto o despertar de expectativas em relação a novas perspectivas para a região, principalmente com relação ao projeto desenvolvido pela prefeitura¹⁵, cujas evidências encontram-se nos estabelecimentos visitados e também em várias propriedades da região: vê-se o melhoramento das práticas de manejo do pasto nativo e o início da implementação de melhorias no saneamento rural, como a proteção de fontes e instalação de fossas e esterqueiras. O projeto mencionado é o Projeto de Preservação das Áreas de Produção de Água nos Distritos de Vila Seca e Criúva, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, cujos objetivos gerais têm ênfase na preservação, recuperação, conservação e proteção dos recursos hídricos e da cobertura vegetal, essencialmente as matas ciliares; manutenção das atuais características ambientais, econômicas e culturais das localidades, visando à exploração do potencial turístico; e na manutenção do homem no campo, com dignidade, prestando serviços ambientais, preservando sua propriedade e o ambiente (FACCHIN, RECH, LIMA, & GIACOMELLI, 2007).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reconstituição da evolução e diferenciação dos sistemas agrários do distrito de Vila Seca revela existência de quatro sistemas agrários distintos: o Sistema Agrário Indígena, o Sistema Agrário Sesmeiro, o Sistema Agrário Colonial e o Sistema Agrário Contemporâneo. Este espaço rural, que pode ser dividido em uma zona de colônia e uma zona de campo, abriga uma agricultura bastante diversa da encontrada no restante do município de Caxias do Sul, contrariando o senso comum. São onipresentes as práticas campeiras, com ênfase para a pecuária de corte e de leite, uma cultura quase que “afetiva” para estes agricultores. Em paralelo, encontra-se uma policultura ainda com traços coloniais que, no entanto, não é integralmente a mesma verificada nas regiões agrícolas mais próximas à zona urbana. Não sendo o objeto principal da pesquisa dos Sistemas Agrários, mas delineada nas entrevistas, foi evidenciada uma herança cultural bastante ligada à tradição açoriana, como mostram as menções das serestas, dos rodeios e da festa em homenagem ao Divino Espírito Santo, algo também bastante distinto da cultura da sede municipal de Caxias do Sul. As paisagens

¹⁵ Além deste projeto, registra-se novamente um processo de alteração das rotas de passagem na região. A conclusão (já efetuada) da Rota do Sol, unindo o planalto ao litoral, mais a anunciada futura construção do Aeroporto Regional em Vila Oliva e a reivindicação de São Marcos de via pavimentada até a Rota do Sol são mudanças que esperam promover nova dinâmica à região, fazendo-a retornar ao patamar de eixo econômico. Há também a questão de Criúva ser roteiro turístico de Caxias do Sul, além de futura hidrelétrica no rio Lajeado Grande, nas divisas de Caxias do Sul e São Francisco de Paula.

naturais são ainda relativamente preservadas, com horizontes amplos e ainda desprovidas de ocupações intensivas. Contudo, é inegável a constatação do esvaziamento demográfico, e o registro de certo desânimo faz-se necessário e é justo aos relatos recolhidos, em paralelo ao despertar de novas expectativas pelo futuro do distrito.

Paradoxalmente, apesar do temor que originou seu nome, Vila Seca tem muita água, e hoje é dona da riqueza que a zona urbana da segunda metrópole do Estado não tem: os mananciais de água potável, as apregoadas águas excelentes, reconhecidas como um tesouro já nas descrições da época do Sistema Sesmeiro.

Por fim, resta saber se esta situação será efetivamente revertida em uma evolução positiva do Sistema Agrário Contemporâneo, ou se acontecerá o mesmo que ocorreu quando antes a metrópole buscava nos produtos da zona de colônia e campo, com a seção urbana levando vantagem, em uma troca de valores não exatamente equitativos para as partes envolvidas. Assim, vislumbra-se a oportunidade de estudos mais aprofundados dos Sistemas Agrários de Vila Seca, na continuidade da busca de medidas e atitudes que possam efetivamente construir este caminho que seja sim, protetor aos recursos naturais estratégicos tão abundantes da região, mas, ao mesmo tempo e principalmente, garantia da perpetuidade de seus guardiões, os agricultores familiares do Sistema Agrário Contemporâneo. Estes estudos, usando metodologias que busquem soluções construídas passo a passo com os agricultores envolvidos, poderiam, por exemplo: aprofundar a questão dos modelos de Pagamentos de Serviços Ambientais, exaurir as alternativas de manejos agropecuários sustentáveis e investigar modelos de etnoconservação, envolvendo não somente as paisagens, mas as comunidades locais associadas.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, J. (2003). O enfoque sistêmico e a interpretação dos processos sociais rurais: usos "redutores" de um pretense paradigma "holístico". *Redes*, vol 8, n° 1. Material didático da disciplina DER 310, 2011/1.

ALVES, L. A. (2010). Três sesmarias do século XVIII em Caxias do Sul. In: *Caxias Centenária org. Loraine Slomp Giron, Roberto Revelino Fogaça do Nascimento*. Caxias do Sul: EDUCS.

BEBER, M. V. (2004). O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-brasileiro: o Caso da Tradição Taquara/Itararé. *Tese de doutorado*. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, disponível em <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/textos/beber2004/beber-2004.PDF>, acesso em 14/08/2011.

BECKER, Í. I. (2006). O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil - Documento 05, 2ª edição*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de

Pesquisas, UNISINOS, disponível em

<http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>, acesso em 06/08/2011.

CORTELETTI, R. (2007). ONDE, COMO E QUANDO? Construindo um padrão de assentamento dos sítios arqueológicos na região de Caxias do Sul, RS. disponível em http://usp-br.academia.edu/RafaelCorteletti/Papers/319917/Onde_Como_e_Quando_Construindo_um_padrao_d_e_assentamento_dos_sitios_arqueologicos_na_regiao_de_Caxias_do_Sul_RS, acesso em 20/08/2011.

D'ANGELIS, W. d. (2006). MABILDE E SEUS “APONTAMENTOS” SOBRE OS COROADOS SELVAGENS: tentando separar informação de mistificação e preconceitos. IFCH-UNICAMP-Campinas: disponível em <http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/GT48Wilmar.pdf>, acesso em 06/08/2011.

DE BONI, L. A., & COSTA, R. (1984). Os Italianos no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EST.

FACCHIN, P. R., RECH, N. L., LIMA, M. R., & GIACOMELLI, R. M. (2007). Projeto de Preservação das Áreas de Produção de Água - Distritos de Vila Seca e Criúva. Prefeitura Municipal de Caxias do Sul. Caxias do Sul.

GARDELIN, M., & COSTA, R. (1993). Colônia Caxias: Origens. Porto Alegre: Edições EST.

GIRON, L. S. (1977). Caxias do Sul: Evolução Histórica. EST/UCS/Prefeitura Municipal de Caxias do Sul.

GOOGLE. (2008 e 2009). Imagens de Satélite. disponível em Google Earth, acesso em 12/08/2011.

HERINGER, I., & JACQUES, A. V. (2002). Acumulação de Forragem e Material Morto em Pastagem Nativa sob Distintas Alternativas de Manejo em Relação às Queimadas. *R. Bras. Zootec.*, v.31, n.2, p.599-604. disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbz/v31n2/10345.pdf>, acesso em 07/09/2011.

História do Trigo. (s.d.). disponível em

<http://www.criareplantar.com.br/agricultura/lerTexto.php?categoria=48&id=657>, acesso em 14/08/2011.

IBGE. (1986). RADAM/BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (1986).

Levantamento dos Recursos Naturais: folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim. Rio de Janeiro.

IBGE. (2004). Mapa dos Biomas Brasileiros.

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/21052004biomas.shtm>, acesso em 30/07/2011.

IBGE. (2010). Censo Demográfico 2010. disponível em

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/sinopse/default_sinopse.shtm, acesso em 03/09/2011.

LAGUE, M. M., & GRANT, E. M. (1983). Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul - 1836-1866. São Paulo: IBRASA/Fundação Nacional Pró-Memória.

LAZAROTTO, D. e. (1971). Pesquisas Arqueológicas no Planalto. *O Homem Antigo na América*, 79-89. São Paulo: Instituto de Pré-História da USP.

MANZINI, E. J. (2004). Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *Anais do II Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos.* Bauru: disponível em <http://www.sepq.org.br/IIsepeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>, acesso em 14/08/2011.

- MARCHIORI, J. N. (2004). Fitogeografia do Rio Grande do Sul - Campos Sulinos. Porto Alegre: EST.
- MAZOYER, M., & ROUDART, L. (1997/1998). História das Agriculturas no Mundo - Do neolítico à crise contemporânea. Lisboa: Instituto Piaget.
- MIGUEL, L. d. (2009). Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários. Porto Alegre: UFRGS.
- MORENO, J. (1961). Clima do Rio Grande do Sul. Seccção de Geografia. Porto Alegre, 42p.: Secretaria de Agricultura.
- NORONHA, A. E. (2006). Análise sobre o ordenamento territorial no Rio Grande do Sul. *CAMINHOS DE GEOGRAFIA - revista on line UFU*. Uberlândia: disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/viewFile/10228/6096>, acesso em 01/08/2011.
- P.M. de Caxias do Sul. (s.d.). Site Oficial. disponível em <http://www.caxias.rs.gov.br/distrital/index.php>, acesso em 30/07/2011.
- PILLAR, V. d., & al, e. (2009). Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade, 403 p. <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Livros/CamposSulinos.pdf>, acesso em 07/09/2011. Brasília: MMA.
- POSSAMAI et al, O. J. (s.d.). Raízes de São Marcos e Criúva. 2005. Porto Alegre: EST.
- POSSAMAI, O. J., & RIZZON, L. A. (1987). História de São Marcos. São Marcos: Edição dos Autores.
- RAMBO, B. (1956). A fisionomia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Livraria Selbach.
- SAMAE, s. (2012). Site oficial, disponível em http://www.samaecaxias.com.br/site/interna.asp?secao_id=9, acesso em 12/02/2012.
- SCHLINDWEIN, S. L. (2004). Por que a análise sistêmica não pode refletir a realidade. *REDES*, 9(2): 117-132. Material didático da disciplina DER 310, 2011/1.
- SCHMITZ, P. I. (2006). Pré-história do Rio Grande do Sul, 2ª edição. Instituto Anchieta de Pesquisas, disponível em <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/documentos/documentos05.pdf>, acesso em 01/08/2011.
- SCHNEIDER, S., & WAQUIL, P. D. (2004). Desenvolvimento Agrário e desigualdades regionais no Rio Grande do Sul: uma caracterização socioeconômica a partir dos municípios. In: Suertegaray, D.M.A., Basso, L.A. e Verdum, R.(org). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- SUERTEGARAY, D. M., & GUASSELLI, L. A. (2004). Paisagens (imagens e representações) In: Suertegaray, D.M.A., Basso, L.A. e Verdum, R.(org). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. (D. M. SUERTEGARAY, R. VERDUM, & L. A. BASSO, Compiladores) Porto Alegre: UFRGS.
- TEIXEIRA, L. (2005). Entre a serra e o litoral: fugas e quilombos na fronteira leste do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. *II Encontro "Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional"*. Porto Alegre: disponível em <http://www.labhstc.ufsc.br/poa2005/40.pdf>, acesso em 06/08/2011.